

Redes Sociais no Processo de Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários

Area Temática: Organização do Terceiro Setor

AUTORES

ERIKA COSTA DA SILVA GAUDEOSO

Universidade Católica de Santos

erikagaudeoso@uol.com.br

LUCIANO A. PRATES JUNQUEIRA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

junq@pucsp.br

Resumo

As redes sociais são relacionamentos entre atores, quer sejam pessoas e/ou instituições em torno de interesses compartilhados, que possibilitam planejar de maneira articulada ações que visem a transformação da realidade social. Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada junto a um grupo de jovens incubados pela Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Católica de Santos que teve como objetivo analisar a rede de relacionamentos que se estruturou e desenvolveu no processo de incubação. A pesquisa foi desenvolvida a partir do pressuposto de que a posição de cada ator na rede influencia o comportamento dos outros envolvidos neste processo. A pesquisa de natureza quantitativa foi realizada junto a vinte jovens mediante a aplicação de um formulário, pré-testado, para identificar os vínculos entre os jovens do grupo e destes com a equipe da Incubadora no processo de incubação. Na análise dessas relações foram utilizadas métricas de redes sociais para identificar a centralidade e a agregação dos atores envolvidos, utilizando o programa NodeXL. Os resultados da pesquisa permitiram identificar que a rede de relacionamentos é estruturada no processo de incubação dos jovens. Verificou-se que a influência de um ator que ocupa uma posição central na rede apresenta os melhores índices nas métricas de centralidade. Este ator influencia na manutenção do fluxo e a disseminação de informações na rede, em função da quantidade de vínculos diretos que mantém com os demais atores. O ator reconhecido pelo grupo como o mais competente, não é o ator mais central da rede, apresentando baixo grau de conexão. As competências individuais necessitam ser articuladas no âmbito da rede para serem apropriadas pelo grupo. As relações entre os jovens enfatizam a complementariedade das características relacionais de cada ator. Pode-se inferir que a incubação é um processo de fortalecimento das relações inter-atores que valoriza competências individuais e fomenta a interação entre eles. A importância da rede de relações se forma no grupo incubado, que passa a apreender o coletivo a partir de uma nova lógica onde se desenvolve a comunicação e a prática da liderança solidária e compartilhada.

Palavras-chave: Redes Sociais; Incubação; Empreendimentos Econômicos Solidários

Introdução

As transformações socioeconômicas, políticas e culturais que vêm ocorrendo em diversos países ao longo das últimas décadas, alteraram as características do processo produtivo com a abertura de mercados, promoção da privatização de empresas, o aceleração do processo de desenvolvimento tecnológico e intensificação da competitividade que, por consequência, ocasionou mudanças no mundo do trabalho. Uma das conseqüências dessas mudanças é o aumento da informalidade e a precarização das relações de trabalho, levando trabalhadores a buscarem alternativas de sobrevivência. Neste sentido, determinados grupos sociais, geralmente com baixa escolaridade e sem acesso à capacitação em tecnologias emergentes, que constituem-se propulsoras de novas oportunidades de trabalho, buscam alternativas de geração de renda tendo em vista interesses comuns. A partir das necessidades dos grupos sociais que se encontram à margem do processo produtivo é que surge a Economia Solidária, resultado este de um movimento social que tem como objetivo a promoção do bem-estar individual e coletivo. Nesta perspectiva que Culti (2009, p. 1) aponta que “o agir coletivo se coloca como uma alternativa possível para os trabalhadores que estão em sua grande maioria excluídos do mercado de trabalho formal e do consumo”, abrindo caminho para que sejam repensados não de forma dicotômica os vínculos entre o econômico e o social (GAIGER, 1999). É um meio de elaborar projetos econômicos em comum, que privilegiem o princípio da democracia e da solidariedade, constituindo um modelo organizacional coletivo e autogestionário. A autogestão consiste na autonomia dos membros de um empreendimento de decidir sobre os destinos, processos e produtos do trabalho coletivamente (MELO NETO, 2006) e exige, mediante as relações entre os sujeitos envolvidos, o compartilhamento de informações e conhecimentos. As práticas da autogestão evidenciam a importância da rede de relacionamento no interior dos empreendimentos para o fortalecimento da coesão como forma de facilitar, reforçar e fortalecer o processo de relações de produção solidária. A rede é a construção de uma nova realidade social, que resulta das relações estabelecidas entre os diversos atores e possibilita a superação dos limites da ação mediante a integração de conhecimentos e práticas de cooperação. É uma construção coletiva que se define na medida que é realizada (JUNQUEIRA, 2004). É um modelo descentralizado e reticular de organização que mobiliza horizontalmente os diferentes atores que a compõem, resgatando a autonomia de seus participantes e o compartilhamento de informações (NAJMANOVICH, 1995). Entende-se que a rede funciona como fluxos, cujas pessoas vinculam-se a outras por meio de significados e conteúdos. Para a recorrência destes fluxos num dado espaço de tempo, a confiança, a reciprocidade e a cooperação são essenciais (DURSTON, 2002), criando linhas que configuram o ambiente e desenham a teia de relações e o mapa de pertencimento dos atores sociais. Nesse contexto, é necessário promover aprendizagem coletiva e estimular o fluxo de informações e conhecimentos dos trabalhadores no âmbito de empreendimentos solidários, estimulando as relações sociais baseadas na cooperação, na solidariedade, na valorização dos trabalhadores, envolvidos no processo de incubação. O processo de incubação, como uma tecnologia social, tem como objetivo romper a cultura individualista na conquista da identidade cooperativa do grupo e na consolidação do empreendimento solidário. O processo dialógico de incubação se inicia com o diagnóstico realizado de maneira participativa, das demandas do grupo de trabalhadores que serão incubados. A partir do diagnóstico, inicia-se o planejamento e o estudo da viabilidade econômica do empreendimento, tendo em vista a capacitação, implantação e acompanhamento do empreendimento. Essas atividades contribuem para a organização do grupo de trabalhadores que necessitam de apoio técnico e administrativo para desenvolver seus conhecimentos, habilidades e atitudes, que propiciem a sustentabilidade do empreendimento. Nas etapas, para o desenvolvimento do empreendimento, ocorre um processo dialógica que envolve pessoas e organizações que “[...] se relacionam para responder

demandas e necessidades da população de maneira integrada, mas respeitando o saber e a autonomia de cada membro” (JUNQUEIRA, 2008, p. 96). Para isso, é necessária a interação entre o conhecimento da equipe da Incubadora e do grupo social, para construir um novo saber que pode resultar na transformação de práticas cotidianas. O grupo de jovens incubados pela Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Católica de Santos (IEES-UniSantos) surgiu do projeto Oficinas Querô. O projeto proporciona capacitação técnica na área audiovisual voltado ao desenvolvimento de habilidades para uma transformação social. O projeto foi criado a partir da realização do longa-metragem Querô - produção da Gullane Filmes e direção de Carlos Cortez, filmado em 2006 na cidade de Santos/SP. O filme, baseado na obra do escritor e dramaturgo Plínio Marcos (1999), aborda a situação de vulnerabilidade social de adolescentes. O grupo de jovens, que surgiu desse processo, foi capacitado para inserir no mercado de trabalho e objetivava a constituição de um empreendimento econômico solidário na área de audiovisual. Esse empreendimento teria como proposta prestar serviços de produção cinematográfica; produção de vídeos institucionais; vídeos publicitários; cobertura de eventos; marketing político. Para apoiar e assessorar esse grupo de jovens teve início, em junho de 2008, sua relação com a IEES-UniSantos. Com isso inicia-se o processo de incubação, o que envolve formação e capacitação para autogestão do empreendimento solidário. Este artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada junto a esse grupo de jovens para analisar a rede de relacionamento que se estruturou e desenvolveu a partir do processo de formação do grupo e depois da incubação. Discute-se as redes sociais e em seguida a metodologia e os resultados da pesquisa.

1. Redes Sociais

A análise de redes sociais, em sua amplitude e multidisciplinaridade, trouxe o cruzamento de duas tradições distintas: de um lado, a dos cientistas sociais que atuam em uma linha mais qualitativa e que busca conceituar e entender, pela reflexão crítica sobre os fatos sociais, o que é rede social, quais são seus atributos relevantes e como evoluem. De outro lado, o grupo dos que buscam construir modelos matemáticos cunhados em ferramental desenvolvido para ciências como a física e química. Os primeiros lidam com o ambiente extremamente complexo. Os segundos, lidam também com a complexidade, buscando criar modelos representativos, desenvolvendo uma série de técnicas e modelos para a representação das redes sociais. Na prática social, uma abordagem não substitui a outra, mas se complementam, pois a representação gráfica pode gerar novos *insights* e novas reflexões, e idéias sobre as redes. O elemento estrutural básico da rede é o ator, uma unidade discreta que representa uma pessoa ou um conjunto agrupado em uma unidade social, como uma empresa ou associação, que possua atributos específicos e identificáveis. O termo ator tem sido usado preferencialmente o “nó” para caracterizar a rede, aspecto dinâmico das redes sociais. Assim, uma rede pode ser definida como um conjunto de nós conectados, em que estes nós podem ser pessoas, grupos ou outras unidades, e as ligações podem ser simétricas ou assimétricas. O termo rede social refere-se ao conjunto de pessoas em uma população e suas conexões. O pressuposto básico é o das relações, da interação entre as unidades. Os grupos são definidos como sendo um conjunto finito de atores, que estabelecem relações de um determinado tipo, denominadas também como laços. Podemos, por exemplo, criar o grupo “família”, para um dado estudo, a partir de todos os elementos vivos que tenham laços de consangüinidade por pelo menos cinco gerações. Grupos podem dividir-se em subgrupos – um subconjunto de atores, caracterizado por suas características e todos os laços possíveis entre estes. Um tipo especial de subgrupo é o clique, em que cada ator tem laços com todos os demais atores do subgrupo a que pertence. As relações, ou laços, são relacionamentos, elos ou vínculos entre os atores de uma rede social. Os laços são definidos em função da relevância que determinado tipo de relação represente para a análise em questão. O conjunto de laços com o mesmo

critério de relacionamento é chamado de relação em rede. Os laços podem ser analisados de acordo com sua natureza ou origem, sua intensidade, duração e relevância na consecução dos objetivos. Esses laços podem ser classificados de acordo com sua natureza ou origem. Uma rede social, assim como um tecido, é uma malha de relacionamentos cujos vínculos possuem densidade diversas. Granovetter (1973) ao falar sobre vínculos, diferencia a função dos laços fortes e dos laços fracos para a eficácia das redes. Muitas vezes indivíduos fora dos padrões, que se movimentam entre comunidades diferentes, são os responsáveis por trazer idéias heterodoxas necessárias para que um grupo se adapte com sucesso às mudanças do ambiente. Ele também observou que os vínculos interpessoais fortes, como parentesco e amizade íntima, são menos importantes do que os vínculos fracos, como conhecimentos e afiliação a associações secundárias, para sustentar a coesão comunitária e a ação coletiva. Os vínculos fracos têm maior probabilidade de unir membros em pequenos grupos diferentes do que os vínculos fortes. Para Cardoso e Guimarães (2005) as redes sociais são redes de troca de conteúdo específico envolvendo a transferência de artigos como informação, sentimentos, conselhos, ou coisas mais tangíveis como bens e serviços. Essas redes podem ser constituídas de um conjunto de atores – indivíduos ou organizações – que trocam recursos entre si. A troca pode ocorrer em espaços físicos ou virtuais, mas é importante salientar que sempre há a necessidade do encontro para que se realizem as trocas. Granovetter (1973) afirma também que os laços fracos formam uma ponte entre dos grupos com laços fortes. Portanto, para se ampliar o raio de confiança de um grupo coeso, faz necessário a existência de laços fracos. Contudo, sem primeiro formar uma base forte (com laços fortes), como por exemplo a família, para que depois se multipliquem os vínculos fracos, a rede não será um todo eficiente. Sem esquecer, também, que ao se privilegiar os laços fracos podemos cair no individualismo, no egoísmo social. Portanto, para que haja prosperidade em uma comunidade e que seus estoques de capital social possam efetivamente aumentar, exige-se que haja certa dosagem entre a prevalência de laços fracos e fortes. Uma vez que se houver muitos laços fortes tender-se ao familismo, e, por outro lado, se os laços fracos forem privilegiados, acaba-se no atomismo social. Quanto ao sentido, os laços podem ser direcionais (de um ator para outro) ou não direcionais, quando há uma relação recíproca entre os atores. Pode-se usar também os termos unidirecional, bidirecional ou multidirecional. Quanto à relevância e impactos, os laços, enquanto atributos, podem ser classificados quanto à sua presença ou ausência (estados binários), ou valorados de acordo com uma escala discreta ou contínua. A rede de organizações estabelece acordos de cooperação e de alianças e reciprocidade. Essas novas práticas de cooperação constituem um meio de encontrar saídas para intervir na realidade social complexa. No entanto, a rede não é um objetivo em si mesmo, mas “parte de uma metodologia para a ação que permita manter, ampliar ou criar alternativas desejáveis para os membros de uma organização social” (PAKMAN, 1995, p. 301). Maiores as alternativas maior a oportunidade dos membros da organização de se verem como sujeitos na construção solidária de sua rede. A rede é um fato social, mas também uma oportunidade de reflexão sobre o social e as práticas cotidianas. Ela é a construção de um espaço de organização dos sujeitos “enquanto encarna um projeto utópico, não como meta futura, mas como uma realidade presente” (PAKMAN, 1995, p. 302). Nesse sentido, é que se diz que a rede é uma construção coletiva e que ela se define na medida que é realizada. Sua verdade está na sua concretização, na superação das determinações sociais mediante o estabelecimento de parcerias entre sujeitos individuais ou coletivos, mobilizados por objetivos construídos e apropriados coletivamente, para a construção de uma nova realidade social (JUNQUEIRA, 1999). As redes sociais é um conjunto de pessoas e organizações que se relacionam para responder demandas e necessidades da população de maneira integrada, mas respeitando o saber e a autonomia de cada membro. Com isso as redes constituem um meio de tornar mais eficaz a gestão das políticas sociais, otimizando a utilização dos recursos disponíveis.

Preservando a identidade de cada membro e sua competência na gestão dos recursos faz com essas organizações se integrem, tanto na concepção das ações intersetoriais como na sua execução, para garantir à população seus direitos sociais. Essa dinâmica de incorporação e integração das organizações sem fins lucrativos na gestão das políticas sociais, transcende de algum modo a especificidade de cada uma. Mas ao mesmo tempo isso não significa, como diz Fernandez (1995, p. 396) “colaborar com a privatização da problemática social senão de contribuir na reconstrução do tecido social, a expansão de comportamentos associados à participação e a redução da vulnerabilidade dos setores populares”. Assim, a rede constitui uma alternativa de desenvolvimento social quando em cada um dos atores envolvidos produz mudanças nas condições materiais de existência e na construção subjetiva da realidade. Putnam (1996) afirma que toda sociedade se caracteriza por sistemas de intercâmbio e comunicação interpessoais, tanto formais quanto informais. Alguns desses sistemas são horizontais, congregando agentes que tem o mesmo *status* e o mesmo poder. Outros são basicamente verticais, agrupando agentes desiguais em relações assimétricas de hierarquia e dependência. Na realidade quase todos combinam ambas as características. O sistema vertical, por mais ramificado e por mais importante que seja para seus membros, é incapaz de sustentar a confiança e a cooperação. O autor afirma, ainda, que os fluxos verticais costumam ser menos confiáveis que os fluxos horizontais, em parte porque o subalterno controla a informação para precaver-se contra a exploração. Segundo Marteleto (2001), as redes sociais surgem como um novo instrumento face aos determinismos institucionais. O que é novo no trabalho em redes de conexões é sua promessa como uma forma global de organização com raízes na participação individual. Uma forma que reconhece a independência, enquanto apóia a interdependência. A rede social é uma construção efetivada entre seres sociais autônomos, articulando pessoas e instituições que compartilham objetivos, que orientam suas ações e se comprometem em superar de maneira integrada os problemas sociais, respeitando a autonomia e as diferenças de cada membro (JUNQUEIRA, 2008). Já para Dabas e Najmanovich (1995) rede social é uma associação de pessoas que se identificam em compartilhar objetivos comuns. Segundo as autoras, a intervenção mediante um processo que promove a reflexão sobre práticas que incentivem a autogestão, níveis crescentes de independência e fortalecimento da organização social descentralizada e horizontalizada em grupos sociais possibilita que o grupo-objeto se transforme em grupo-sujeito no processo. Como organização social descentralizada e horizontalizada, a posição dos indivíduos nas redes sociais é interdependente em relação a todas as outras posições dos demais indivíduos e de seus elos. Segundo Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005), as redes, também, funcionam como espaços para o compartilhamento de informações e conhecimentos. São espaços de exercício democrático, a partir da relação interpessoal e da gestão compartilhada do poder numa perspectiva estrutural, reticular e relacional. Granovetter (1973) quando discute o papel das redes sociais para o acesso ao emprego, introduzindo os conceitos de laços fortes e fracos, sendo que estes laços permitem estabelecer pontes entre diferentes grupos sociais, mostra a possibilidade do acesso a informações e contatos que se situam em outros meios. O relacionamento em rede promove condição necessária ao desenvolvimento de projetos coletivos, bem como estimula as competências pessoais de seus integrantes, proporcionando o fortalecimento da capacidade organizacional, o aumento da eficiência organizacional, a eficácia social dos grupos e a ampliação do capital social. A discussão sobre redes sociais remete ao capital social, que explica a capacidade de um grupo ou comunidade para produzir ação coletiva com eficácia (PRATES; CARVALHAES; SILVA, 2007). Para Bourdieu (2005) o capital social é a soma dos recursos reais ou potenciais, que revertem para um indivíduo ou grupo, em virtude de possuir uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento mútuo. O volume do capital que um indivíduo possui depende da extensão de rede de relações que ele pode mobilizar, como também, do volume do

capital econômico, cultural ou simbólico possuído por cada um daqueles a quem ele está ligado. Este conceito enfatiza o caráter individual do uso do capital que é gerado pelas redes de relações sociais. Para Coleman (1990) o capital social é um recurso coletivo fundamentado nas normas e redes de intercâmbio entre os indivíduos. Para ele é um recurso para o indivíduo que pertence a uma determinada estrutura, é um processo não intencional definido como os recursos sócio estruturais que constituem um ativo de capital para o indivíduo e facilitam certas ações de indivíduos que estão nessa estrutura (COLEMAN,1990), evidenciando a importância das conexões sociais na sua construção. Portanto, é no contexto das relações sociais que o volume de capital social cresce entre os membros da rede proporcionalmente ao aumento do estoque de confiança para criação de ação coletiva (PRATES; CARVALHAES; SILVA, 2007). Dessa forma, torna-se evidente a estrutura de rede relacionada ao capital social, definindo como um recurso do grupo social, construído pelas redes de relações, ou seja, pelos vínculos entre as pessoas, uma vez que se encontra, não nas pessoas em si, mas nas relações entre elas.

2. Metodologia

A pesquisa de caráter quantitativo caracteriza-se como um estudo de caso que tem como objeto as relações entre os atores envolvidos no processo de incubação de empreendimentos da Economia Solidária. A aplicação do estudo de caso é adequada como técnica de investigação quando o objetivo da pesquisa é conhecer fenômenos sociais atuais e complexos, como também, para compreender como e porque se estabelecem determinados processos e se configuram certas relações e estruturas (YIN, 2001). Esta pesquisa tem como base de estudo as relações interpessoais no processo de incubação desenvolvido na Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários da Universidade Católica de Santos (IEES-UniSantos). A preocupação central da pesquisa é analisar a rede de relacionamento que se estruturou e desenvolveu-se no processo de incubação, verificando de que maneira o processo potencializa as relações sociais entre os membros do grupo. A pesquisa foi desenvolvida a partir do pressuposto de que a posição de cada ator na rede influencia o comportamento dos outros envolvidos nesse processo, gerando novas possibilidades para grupo na conquista da identidade cooperativa. Para alcançar tal objetivo realizou-se a verificação do processo de incubação e a identificação dos atores envolvidos, bem como dos vínculos construídos e a análise da rede de relacionamentos. Com o objetivo de identificar e caracterizar os vínculos entre os jovens do grupo estabelecidos durante o processo de incubação, foi elaborado um formulário aplicado a 20 jovens do projeto. Salienta-se que para a garantia da confidência dos dados coletados na entrevista, foi realizada a codificação dos nomes dos atores de acordo com a seguinte denominação: “A” seguido de numeração sequencial para codificação dos nomes dos indivíduos. Para estruturação e análise da rede de relacionamentos utilizou-se o programa NodeXL, pacote adicional para o Microsoft Excel 2007. NodeXL é um pacote livre e de código aberto de análise de rede social, com a funcionalidade integrada de importação de outros formatos de ferramenta de análise de rede social como: UCINET, graphML, Pajek e CSV. O programa NodeXL utilizado no estudo fornece recursos de visualização por meio de representações gráficas e um conjunto de métricas para análise da rede social. As métricas podem ser calculadas de forma individual, ou seja, para cada ator ou de forma conjunta com foco em toda a rede. Tendo em vista o objetivo do estudo, as métricas utilizadas foram: densidade, grau de centralidade, centralidade de intermediação, centralidade de proximidade, centralidade de autovetor, coeficiente de agregação (Figura 1).

Figura 1 - Métricas para análise de redes sociais utilizadas no estudo

Métricas	Descrição	Variação	Calculado para cada ator	Calculado para rede completa
Densidade	Mede a conectividade da rede, indicando como inter-relacionados os atores estão na rede.	0 a 1		x
Centralidade de Grau	Consiste no número de atores com os quais um ator está diretamente relacionado.	-----	x	
Centralidade de Intermediação	Trata-se da possibilidade que um ator tem para intermediar comunicações entre os demais atores na rede. O ator, que desempenha este papel, é também conhecido como “ator-ponte”.	-----	x	
Centralidade de Proximidade	Representa a capacidade que um ator tem de alcançar os demais atores da rede. Baseado na distância geodésica ¹ de cada ator com todos os demais, considerando-se as distâncias diretas e indiretas.	-----	x	
Centralidade de Autovetor	Identifica os atores mais centrais na rede de forma global.	0 a 1	x	
Coefficiente de agregação	Mede o grau de agregação, ou seja, formação de <i>clusters</i> em uma rede.	0 a 1	x	

Fonte: Adaptado de NodeXL, 2009 e Velázquez; Aguilar, 2005.

A análise dos dados permitiu reunir elementos que possibilitaram identificar a estrutura, mobilização e dinamização da rede de relacionamentos e o envolvimento de cada jovem na rede. A interação entre os diversos atores possibilitou o entendimento da rede de relações estabelecidas entre eles.

3. Resultados da pesquisa: a rede de relações no processo de incubação

A constituição do grupo de jovens teve início em maio de 2008, objetivando a organização para capacitação de seus membros, que deixariam de trabalhar numa situação informal para formar uma cooperativa. Os jovens, até então beneficiados de um projeto social e capacitados na área de audiovisual, almejavam consolidar-se como um empreendimento econômico solidário. A pesquisa realizada junto aos jovens incubados permitiu delinear o perfil socioeconômico dos jovens, abrangendo as seguintes variáveis: gênero, estado civil, idade, escolaridade, renda familiar e domicílio. A primeira condição analisada do perfil é a distribuição dos jovens por gênero. O grupo de jovens é formado, proporcionalmente por mais homens que mulheres, apresentando um percentual de 55% do sexo masculino e 45% do sexo feminino. Em relação ao estado civil, o grupo de jovens é formado, principalmente de solteiros (95%). A idade desses jovens varia de 17 a 22 anos, com a seguinte concentração: 17 anos (5%); 18 anos (25%); 19 anos (20%); 20 anos (20%); 21 anos (20%) e 22 anos (10%). Considerando a escolaridade desses jovens, 100% concluiu o ensino médio, o que corresponde a 11 anos de estudo, mas não buscam o ingresso nas universidades quando concluído o ensino médio. Por outro lado, apresentam interesse na complementação de sua formação escolar, realizando cursos complementares (60%), tais como: informática, línguas, noções básicas de administração, fotografia e teatro. A renda familiar apresenta uma variação que vai de um ² (s.m.) a dez salários mínimos, com a seguinte concentração: 5% com até 1 s.m.; 35% com mais de 1 s.m. até 3 s.m.; 15% com mais 3 s.m. de até 5 s.m.; 25% com mais de 5 s.m. até 7 s.m.; 5% mais de 7 s.m. até 8 s.m.; 5% com mais de 9 s.m. até 10 s.m. e 10% dos jovens informaram desconhecer a renda familiar. O que se pode concluir é que a maioria dos jovens, participantes do processo de incubação, são homens que possuem idade entre 17 a

22 anos, com escolaridade de nível médio. Dependendo da finalidade do empreendimento social as mulheres não são maioria, como parece indicar a tendência existente em outros empreendimentos. Talvez, nesse caso, essa situação se deve ao tipo de ocupação que o audiovisual representa para os jovens no mercado de trabalho. Esses jovens creem que essa é uma oportunidade de mudar sua posição social e isso é reiterado no discurso de um jovem:

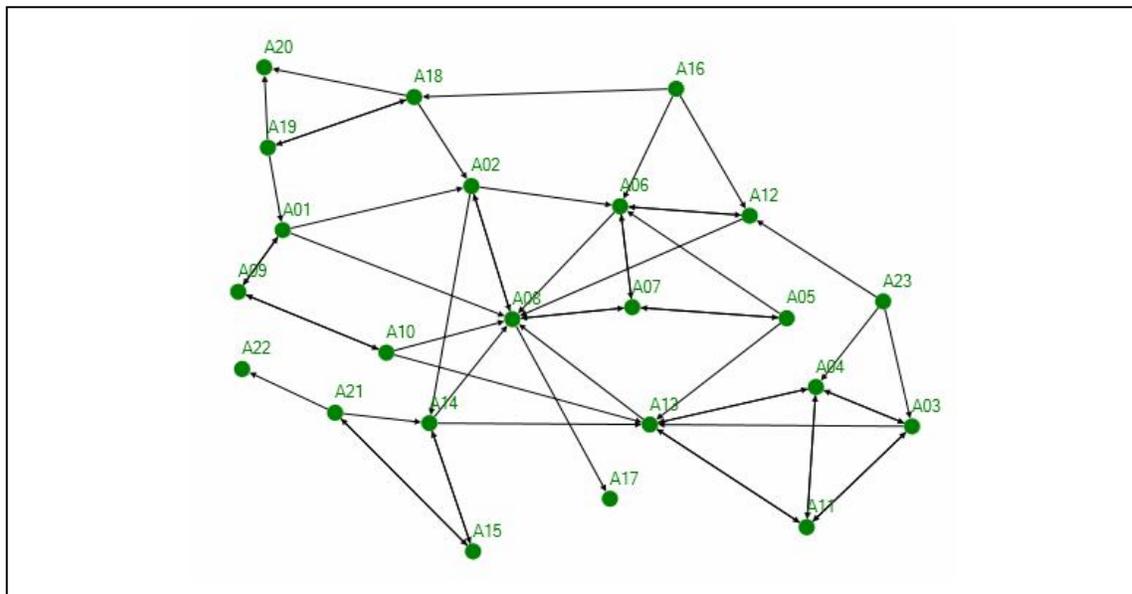
“Eu nunca tive tanta segurança que não vou ficar desempregado. Conheci muitas pessoas que acreditam em mim e no meu potencial. A minha certeza é que eu achei o meu caminho” (Ator A03).

Além disso, a maioria desses jovens reside com os pais em moradia própria nas regiões centrais e periféricas dos municípios de Santos e São Vicente, com renda familiar de um a dez salários mínimos.

3.1. A rede de interações dos jovens incubados

Para identificar as características da rede resultante do processo de incubação foi escolhida uma estratégia de análise que utiliza elementos de descrição da estrutura da rede, observando-se a organização em torno do grupo de jovens incubados na IEES-UniSantos. A análise das relações do grupo e do seu comprometimento na construção do empreendimento, permite verificar que das relações que estabeleceram entre si, foram destacados três jovens que apresentam maior número de vínculos. No total, foram indicados 57 nomes, que revelam 57 vínculos estabelecidos entre eles. Dentre esses vínculos estabelecidos pelo grupo de jovens, 27 são únicos ou unilaterais e 30 duplicados, ou seja, bidirecionados. Evidencia-se, assim, que a reciprocidade está presente em 30 conexões existentes na rede. Isto representa que em 47% dos casos em que se menciona ter relacionamento regular com outra pessoa, a relação inversa não ocorre. Esse número indica um grau elevado de inconsistências nas respostas, ou seja, “A” fala que se comunica regular com “B” e “B” fala que não se comunica regularmente com “A” ou não menciona que se comunica com “A”. A rede de relacionamento dos jovens é composta de 53% vínculos bidirecionados, que revelam o predomínio de conexões simétricas e segundo Hanneman (2001) rede que tem predomínio de conexões simétricas não pode ser considerada hierarquizada, podendo ser considerada igualitária. Dentre as medidas que descrevem as características gerais da rede, verifica-se que a rede possui uma densidade de conexão total de 0,22. Esse dado revela que 78% do potencial das conexões não está sendo utilizado pelos atores da rede. Nesse contexto, percebe-se a vulnerabilidade das conexões entre os atores e, portanto, pouca fluidez de informações e mobilização de recursos. As diferenças de como os indivíduos estão vinculados na rede é útil para entender os atributos e comportamentos dos atores na rede (HANNEMAN, 2001). Assim, a estrutura relacional dos jovens, demonstrado no sociograma³ (Figura 2) permite visualizar os relacionamentos de cada jovem na rede, representados pelos nós e vínculos relacionais. Neste sociograma (Figura 2) pode-se observar que alguns atores assumem papel relevante na estrutura complexa e interativa que envolvem troca de informações, conhecimento e competências. Aquele que mais polariza, em princípio deve ser aquele que possui mais conhecimento e competência.

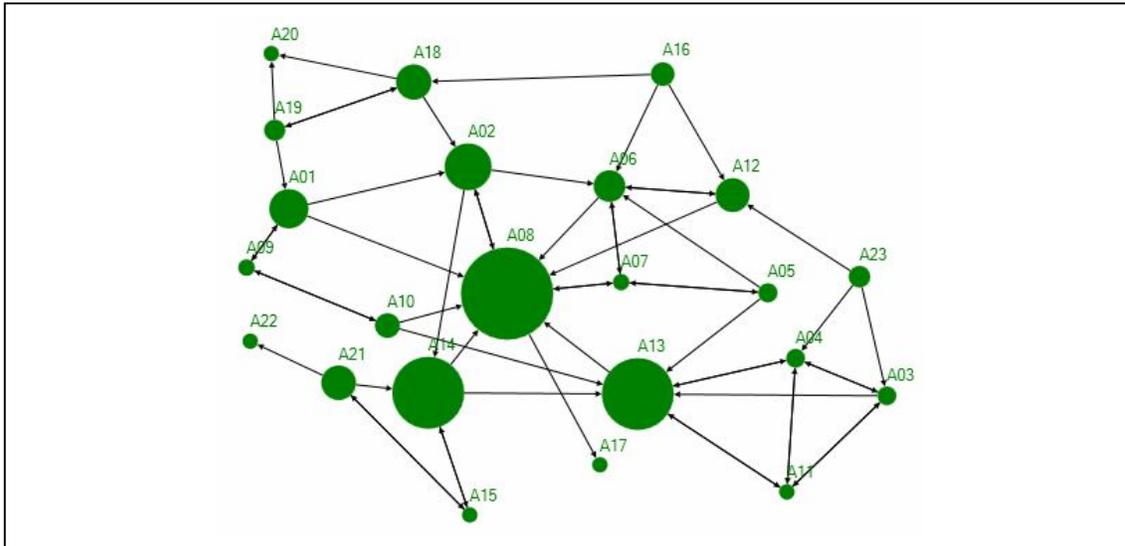
Figura 2 - Sociograma das relações dos jovens incubados



Para compreender a importância de alguns atores no grupo são analisadas as métricas para cada elemento da rede. As métricas analisadas são: centralidade de grau representada pela soma do grau de entrada e grau de saída, centralidade de intermediação, centralidade de proximidade, centralidade de autovetor e coeficiente de agregação. No que se refere ao grau de entrada (Figura 2) verifica-se que o ator A08 apresenta um número elevado de relacionamentos em relação aos demais atores da rede, pois é mencionado por outros oito atores (grau de entrada=8). O ator A08, portanto, estabelece relações com 40% do grupo, o que sugere sua relevância na rede e reitera o que diz Hanneman (2001), que a partir de um número considerável de relações o ator consegue exercer influência sobre os demais atores, gera neles dependência e controla diversas possibilidades de fluxos, desfrutando de maior capacidade de fazer escolhas dentro de seu universo de relações. O ator A13, também, apresenta significativo número de vínculos estabelecidos na rede (grau de entrada=06). Já os atores A05, A10, A17, A19, A21 e A22 apresentam um baixo grau de conexões em relação aos demais (grau de entrada=1). No entanto, os atores A16 e A23 apresentam índice zero nesta métrica, pois os demais atores da rede não mencionam relação com eles. Estes atores periféricos (A16 e A23) possuem posição desprivilegiada na rede, estando dependentes das relações que estabelecem com os demais atores. Isso vem ao encontro do que diz Lavallo, Castello e Bichir (2008) que estes atores possuem baixa capacidade de mobilização de recursos, apresentando relevância marginal nas estratégias relacionais de outros atores. O grau de saída, entendido como a soma das interações que os atores têm com os outros, não é considerado nesta pesquisa, uma vez que o número de relacionamentos solicitado aos jovens circunscreveu-se a três participantes do grupo. Com o indicador de centralidade de intermediação percebe-se que o ator A08 possui relevância no grupo, obtendo o maior valor (1,000) nesta métrica, como é reiterado na Figura 3. Além do elevado grau de centralidade de intermediação, esse ator detém o maior número de vínculos de entrada e saída, no âmbito do limite estabelecido neste estudo⁴, identificando-o como o principal receptor e difusor de informações na rede. Portanto, com a maior possibilidade de influenciar outros atores da rede e mesmo de ser influenciado. O ator A13, também, possui uma posição favorável na métrica (0,733), bem como o ator A14 (0,734). Destaca-se que ambos possuem um relação direta, porém não bidirecional, com ator mais influente na rede (A08). Já os atores A07 e A09

obtiveram baixos índices de centralidade de intermediação, ou seja, possuem a menor capacidade de intermediar relações com os outros jovens (Figura 3). Os atores A11, A15, A17, A20 e A22, que obtiveram índice zero, não possuem nenhum poder para intermediar informação que flui pela rede.

Figura 3 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir da métrica de centralidade de intermediação

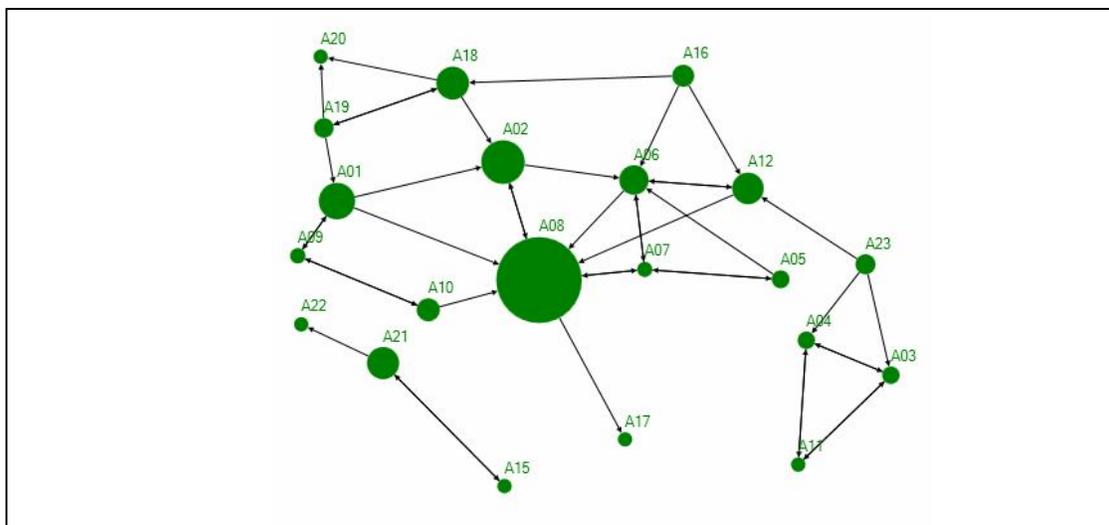


A análise da Figura 3⁽⁵⁾ permite outros desdobramentos. Verifica-se que os atores A03, A04 e A11 dependem do A13 para conectar-se aos demais atores da rede, evidenciando sua relevância. Esta relação de dependência, também é verificada entre o ator A14 e a tríade A15, A21 e A22. Dado o papel de intermediação dos atores A13 e A14 na rede, suas atuações passam a ser preponderante para que as tríades: A03, A04 e A11 e, A15, A21 e A22 respectivamente, mantenham-se vinculadas à rede. Conforme pode-se visualizar na Figura 4⁽⁵⁾, quando retirado o ator A14 da rede, a tríade A15, A21 e A22 fica desvinculada, criando um subgrupo isolado. Contudo, com a retirada do nó que representa o ator A13 na rede, a tríade A03, A04 e A11 embora permaneça conectada na rede através do vínculo unilateral estabelecido pelo ator A23. Mesmo assim, ocorre o isolamento da referida tríade, uma vez que nenhum ator da rede menciona relacionamento com este ator (A23). A tríade A03, A04 e A11 possui conexão entre eles e reciprocidade de vínculos. Este fato revela comprometimento e cumplicidade nas ações desenvolvidas por estes atores em virtude do fluxo de informações entre eles. Contudo, a relação de dependência em que se encontra esta tríade, faz com que dependa do ator A13, principal intermediador desta tríade para a disseminação na rede dos que compartilham. O ator A13 é uma jovem de 20 anos, que reside com pais e três irmãos em domicílio próprio, na região periférica de São Vicente. Possui escolaridade em nível médio completo, realizado em instituição pública, tendo a mãe concluído o ensino médio e o pai cursado e concluído o nível superior. Sua renda familiar é de 8 salários mínimos propiciando uma renda per capita de 1,4 salários mínimos. As relações que a jovem mantém no grupo são motivadas pela afinidade que possui com outros jovens. Durante o processo de incubação, esta jovem apresentou uma posição questionadora em relação aos princípios norteadores da Economia Solidária:

[...] a proposta era uma que era fora dos meus limites, então eu fui me conhecendo melhor [...] era todos por um e um por todos, mas as vezes vem pensamentos individuais (Ator A13).

Interessante ressaltar que a jovem se manteve no grupo que integraria o empreendimento, durante o processo de incubação. Apesar de ser líder de uma parcela do grupo, o que ela pensa foi disseminado na rede, mas sem comprometer a liderança do grupo representado pelo ator A08. Esta postura influenciadora do ator A13 trouxe como consequência comportamentos de resistência a criação da cooperativa de demais membros do grupo. O ator A14, com atuação preponderante para que a tríade A15, A21 e A22 mantenha-se vinculada a rede, é um jovem de 21 anos, que reside com pais e irmão em domicílio próprio, na cidade de São Vicente. De escolaridade em nível médio completo realizado em instituição pública e pais com grau de escolaridade em nível fundamental incompleto. Sua renda familiar de aproximadamente 3 salários mínimos, proporciona-lhe uma renda per capita de 0,7 salários mínimos. A afinidade, também, é apresentada como o principal motivo dos relacionamentos que este mantém. Já o ator A08, principal intermediador da rede, é um jovem de 19 anos, que reside com os pais, em domicílio próprio, na região periférica de São Vicente. Possui escolaridade em nível médio completo, realizado em instituição pública. Sua família não é numerosa, que, além dos pais, convive com um irmão de menor idade. Sua renda familiar de 1,5 salários mínimos. Esse jovem, segundo o grupo, é tido como uma pessoa organizada, compreensiva e confiável.

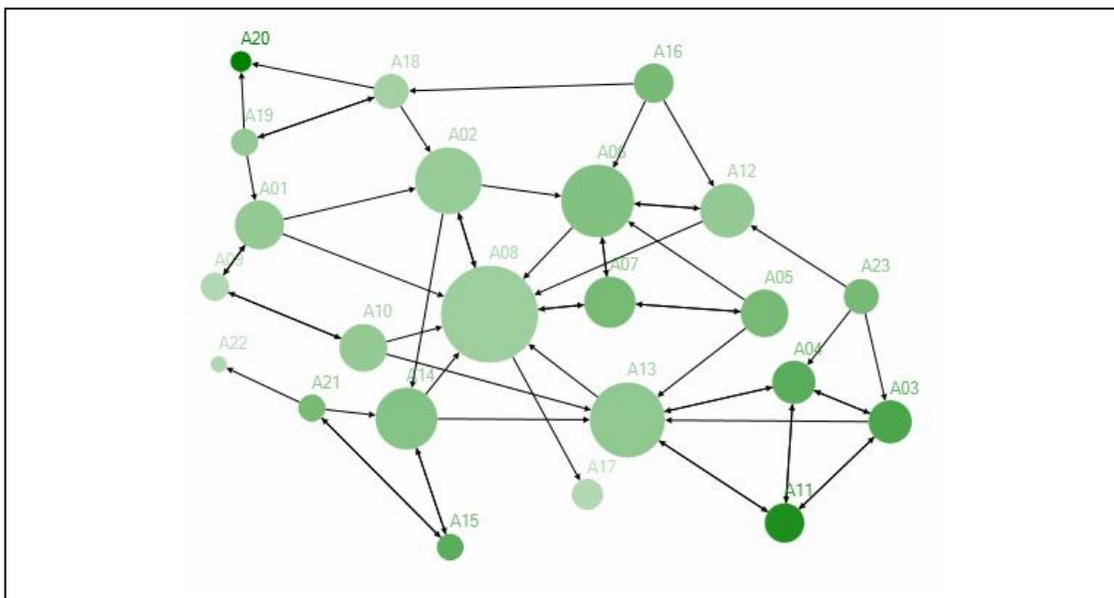
Figura 4 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir da métrica de centralidade de intermediação



Ainda pela ótica da centralidade de intermediação, os atores centrais A08, A13 e A14 desenvolvem um papel de “ponte” em virtude de suas posições em relação aos demais atores. Essa posição lhes outorga um potencial controle sobre os fluxos de bens materiais ou imateriais que circulam pelos vínculos sociais. Todavia, esse papel de mediadores pode não ser percebido pelos próprios atores da rede. Já a centralidade de proximidade ressalta a distância de um ator em relação aos demais, considerando tanto os vínculos diretos como os indiretos (HANNEMAN, 2001). Segundo Martelelo (2001, p. 78), o ator é “tão mais central quanto menor o caminho que ele precisa percorrer para alcançar os outros elos da rede.” Nesse sentido, o ator A08, além de deter o maior número de vínculos estabelecidos na rede, possui vínculos diretos e indiretos que lhe permitem acessar a todos os atores da rede mais rapidamente do que qualquer outro ator. O que reitera o discurso de Gómes et al. (2003 *apud* TOMAÉL; MARTELETO, 2006, p.77) quando diz que a centralidade de proximidade representa independência, pois possibilita a comunicação com atores da rede com um número mínimo de intermediários. Logo, o ator A08, com o menor valor na métrica de proximidade

(1,682), está mais próximo dos demais, devido aos vínculos que possui com mínimo de intermediários. Isso o possibilita ter maior visibilidade na rede, sendo sua posição privilegiada para monitorar o fluxo de informações. Considerando, ainda o índice de centralidade de autovetor⁶ (Figura 5)⁷, identifica que o A08 é o ator que possui o maior valor nesta métrica na rede (0,471). Esse ator desempenha um importante papel na rede em termos de estrutura global. Sua importância deve-se ao fato de estar vinculado a disseminação de informação, valorizando quem se vincula a ele. Evidencia-se, ainda que em virtude da métrica variar de 0 a 1 e as métricas individuais apresentarem valores abaixo da média (0,5), revela que não há eficiência na fluidez de comunicação na rede.

Figura 5 - Sociograma das relações dos jovens incubados, estabelecido a partir das métricas de centralidade de autovetor e coeficiente de agregação



O coeficiente de agregação, que mede a coesão na rede, demonstra como os atores que participam da rede relacionam-se entre si. Esta métrica evidencia o grau de sinergia de cada ator da rede. Os dados revelam que os atores A20 e A11 são os mais coesos na rede (Figura 5), o que vem ao encontro do que Burt (1992) menciona: “a coesão e os vínculos fortes providenciam benefícios de informação redundantes devido à similaridade entre os contatos”, limitando as condutas, oportunidades, influências e mesmo o poder que esses atores poderiam ter na rede. A rede possibilita que cada ator estabeleça vínculos que propiciem disseminação de conhecimentos, aprimorando o planejamento e a eficiência no acesso aos recursos disponíveis na rede, enquanto a intensidade das relações entre os atores da rede se dá a partir do consenso formado pelos atores em decorrência da percepção sobre o outro. A afirmativa se faz possível a partir dos relatos⁸ oferecidos pelos jovens quando solicitado aos mesmos que indicassem outros três do grupo, os quais eles identificavam como os mais competentes do grupo, mencionando as competências que julgavam os indicados possuírem. O conceito de competência pode ser relacionado ao surgimento de novas configurações à execução do trabalho, organizações que enfatizam o trabalho em equipe e a responsabilização coletiva, exigindo conhecimentos e atitudes dos indivíduos (Mascarenhas, 2008). Mas para Zarifian (2001), o conceito de competência sugere que entenda-se que o seu exercício implica ainda a interação e a construção de relacionamentos com outros indivíduos na organização, podendo ser, portanto, potencialmente mobilizadas. Para os jovens, as competências disponíveis no grupo estão relacionadas a conhecimentos e habilidades na área de audiovisual. Cabe ressaltar

relacionamentos e ampliação do capital social. A pesquisa permitiu verificar que a rede de relacionamento estruturada no processo de incubação do grupo, formada por vinte jovens, oriundos de situações sociais diversas, ocasionou relações sociais, mediadas pelo saber adquirido e pelo tipo de tarefa que passaram a realizar. Contudo, o grupo de jovens e sua prática não mudou a lógica individualista que se pretendia alterar com o trabalho cooperativo. No final do processo de incubação, observou-se que a relação desses jovens com o trabalho cooperativo, nem sempre se mostrou como uma alternativa. Ao contrário, em sua maioria queriam inserir-se individualmente, uma vez que esta opção lhes poderia ser eficaz. Isso revela que nem todos os trabalhadores se inserem nesse modelo de empreendimento. Os trabalhadores que geralmente se inserem em um empreendimento solidário estão preparados para o trabalho simples e pouco qualificado, e o acesso a capacitação em tecnologias emergentes constituía uma possibilidade de inserir-se individualmente no mercado de trabalho. Isso corrobora o dilema apontado por Culti (2000) sobre adesão ao cooperativismo. Segundo a autora, existem forças que levam os trabalhadores a buscarem outros caminhos, não sendo àqueles dos empreendimentos solidários, levando o trabalhador a opção de atuar individualmente. Nesse sentido, pode-se dizer que, também, entre os jovens incubados no projeto prevaleceu a cultura de que é o patrão que estabelece diretrizes e o empregado segue as prescrições. Assim, a incubação não possibilitou aos jovens constituírem-se em cooperativa, mas suas relações realizadas em rede fez com que o grupo de jovens, com competências similares, inserissem individualmente no mercado de trabalho. A estrutura de rede mesmo sendo igualitária, os seus membros não possuem posições idênticas no seu interior. A posição de cada um depende da sua competência. A análise da rede reitera essa situação, pois o baixo fluxo de informação em virtude da vulnerabilidade das conexões entre os atores, permite identificar a influência de um ator mais central na rede. Esse ator ocupa posição de relevância apresentando os melhores índices nas métricas de centralidade de grau, centralidade de intermediação, centralidade de proximidade e centralidade de autovetor. O ator influencia na manutenção do fluxo e na disseminação de informações e conhecimentos pela quantidade de vínculos diretos que mantém com os demais atores (centralidade de grau). Mas, também por sua capacidade de intermediar relações entre outros atores (centralidade de intermediação), bem como por estar mais próximo dos demais atores da rede (centralidade de proximidade) e principalmente por estar conectado a outros atores com mais conexão na rede (centralidade de autovetor). Contudo, os dados, também, revelam que não é o ator mais central na rede aquele que mais agrega, outros atores com baixo grau de centralidade também agregam em virtude dos vínculos que possuem. Assim, apesar das posições dos atores na rede serem igualitárias, quando se analisa essa relação a partir das métricas, destaca-se a diferenciação das posições assumidas. Salienta-se, ainda que o ator reconhecido pelo grupo como o mais competente, apresenta baixo grau de conexões, não possuindo conexão direta com o ator mais central da rede. Pode-se inferir que de acordo com o grupo este ator sabe fazer, mas não sabe realizar articulação do saber, ou seja, não sabe estabelecer no grupo articulação e mobilização de conhecimentos e das competências reconhecidas, propiciando a aprendizagem coletiva. As relações estabelecidas pelo ator mais central do grupo estão pautadas na confiança que este transmite aos demais atores. Este fato evidencia que nesta rede a confiança e a reciprocidade são os fatores que revelam o comprometimento e a cumplicidade nas ações desenvolvidas por estes em virtude dos vínculos que os unem. Observou-se, na rede, diferentes subgrupos que apresentavam características próprias, decorrentes do nível de amadurecimento de cada membro, em função das experiências e práticas coletivas. Portanto, pode-se inferir que a incubação é um processo, mas que não tem o mesmo significado e efeito para todos os indivíduos que compõem a rede, em virtude da singularidade e, conseqüentemente, da especificidade da posição que ocupam. Entretanto, cabe ressaltar a importância da rede social na intensificação dos vínculos entre os jovens

participantes do grupo, valorizando a complementaridade das características relacionais de cada ator. Destaca-se, também, a importância da rede de relações formada pelo grupo de jovens que passa a apreender o coletivo a partir de uma nova lógica, que valoriza a comunicação e desenvolve a prática da liderança solidária e compartilhada. O número de jovens, de algum modo, limita os resultados desta pesquisa, impossibilitando sua generalização. Diante disto, sugere-se que outros estudos sejam realizados aprofundando questões relativas ao processo de incubação, explorando a complementaridade das características relacionais de um número maior de atores.

7. Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. O capital social - notas provisórias. In: BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**, Petrópolis: Vozes, 2005.
- BURT, R. *Structural holes in the social structure of competition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CARDOSO, F. C. B.; GUIMARÃES, L. O. **Cluster de saúde de Ceres-GO: um resgate de seu processo de formação e expansão**, Anais ENANPAD, 2005.
- COLEMAN, J. *Foundations of social theory*. Cambridge Massachusetts, Harvard University Press, 1990.
- CULTI, M. N. Sócios do Suor: cooperativas de trabalho. In: PRIORI A. (Org.). **O mundo do trabalho e a política: ensaios interdisciplinares**, Maringá: Eduem, 2000.
- CULTI M. N. **Economia solidária: geração de renda, mitos e dilemas**. Disponível em: <<http://www.unitrabalho.org.br/paginas/noticias/artigos/pdf/E.Solid%C3%A1ria%20-%20Gera%C3%A7%C3%A3o%20de%20renda,%20mitos%20e%20dilemas.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2009.
- DABAS, E.; NAJMANOVICH, D. *Redes: el lenguaje de los vínculos*. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- DURSTON, J. *El capital social campesino en la gestión del desarrollo rural: diádas, equipos, puentes y escaleras*. Santiago de Chile: Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 2002. Disponível em: <http://biblioteca.eclac.org/search~S0*sp?/Xel+capital+social+campesino&SORT=D/Xel+capital+social+campesino&SORT=D&SUBKEY=el%20capital%20social%20campesino/1%2C13%2C13%2CC/1856&FF=Xel+capital+social+campesino&SORT=D&2%2C2%2C1%2C0>. Acesso em: 01 out. 2009.
- FERNANDEZ, S. B. La red como alternativa de desarrollo comunitario. In: DABAS, E.; NAJMANOVICH, D. *Redes: el lenguaje de los vínculos*. Buenos Aires: Paidós, 1995, p.395-401.
- GAIGER, L. I. **O trabalho no centro da economia popular solidária**. Caxambu: Unisinos, 1999.
- GRANOVETTER, M. S. *The strength of weak ties*. American Journal of Sociology, v. 78, p. 1360-1380, 1973.
- JUNQUEIRA, L. A. P. Gestão social: organização, parceria e redes sociais. In: CANÇADO, A.C. et al (Org.). **Os desafios da formação em gestão social**. Palmas-TO: Provisão, 2008. p. 87-103.
- _____. **Descentralização, intersetorialidade e rede na gestão da cidade**. Revista Organizações & Sociedade, UFBA, O&S, v. 11, Ed. Especial, 2004. p. 129-140.
- _____. **Descentralização, intersetorialidade e rede como estratégia de gestão da cidade**. Revista FEA/PUCSP, São Paulo, v. 1, p. 57-72, nov. 1999.
- HANNEMAN, R. *Introducción a los métodos del análisis de redes sociales*. California: Departamento de Sociología da Universidade da California - Riverside, 2001 (2000-2002). Disponível em: <<http://escoladeredes.ning.com/forum/topics/2384710:Topic:23204?group>>

- Url=bibliotecaer&id=2384710%3ATopic%3A23204&groupId=2384710%3AGroup%3A23188&page=2#comments>. Acesso em 03 dez. 2009.
- LAVALLE, A. G.; CASTELLO, G.; BICHR, R. M. **Atores periféricos na sociedade civil: redes e centralidades de organizações em São Paulo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 2008, v. 23, n. 68, p. 73-96.
- MARCOS P. **Uma reportagem maldita - Querô**. 9 ed. Brasil: Publisher, 1999.
- MARTELETO, R. M. **Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p.71-81, jan./abr. 2001.
- MASCARENHAS, A. O. **Gestão estratégica de pessoas**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- MELO NETO, J. F. de. **Educação popular em economia solidária**. Trabalho apresentado na ANPED, Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT06-2211--Int.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2009.
- NAJMANOVICH, D. *El lenguaje de los vínculos. De la independencia absoluta a la autonomía relativa*. In: DABAS, E.; NAJMANOVICH, D. **Redes: el lenguaje de los vínculos**. Buenos Aires: Paidós, 1995, p. 33-76.
- NODEXL, *Analyzing social media networks: learning by doing with NodeXL*, Universidade de Maryland. Disponível em: <<http://www.codeplex.com/nodexl>>. Acesso em: 07 jul. 2009.
- PAKMAN, M. Redes: una metáfora para práctica de intervención social. In: DABAS, E.; NAJMANOVICH, D. **Redes: el lenguaje de los vínculos**. Buenos Aires: Paidós, 1995, p. 294-302.
- PRATES, A. A. P.; CARVALHES, F. A. de O.; SILVA, B. F. A. Capital social e redes: conceitos redundantes ou complementares? In: AGUIAR, N. (Org.). **Desigualdades sociais, rede de sociabilidade e participação política**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 47-59.
- PUTNAM, R. D. *Bowling alone*. The Collapse and Revival of American Community. New York: Simon & Schuster, 2000.
- _____. **Comunidade e democracia, experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; DI CHIARA, I. G. **Das redes sociais à inovação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104. maio/ ago. 2005.
- TOMAÉL, M. I., MARTELETO, R. M. **Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação**. Enc bibli. R. eletr. Bibliotecon Ci. Inf., Florianópolis n. esp., 2006.
- VELÁZQUEZ, A.; AGUILAR, N. *Manual introductorio al análisis de redes sociales*, 2005. Disponível em: <<http://www.4shared.com/get/87934191/f72fae9/Manual-ARS.html>>. Acesso em: 10 set. 2009.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- ZARIFIAN, P. **Objetivo competência**. São Paulo: Atlas, 2001.

¹ É o número de relações possível em um caminho mais curto de um ator a outro.

² Salário mínimo vigente é de R\$ 465,00 conforme Lei 11.944/2009 publicada no Diário Oficial da União em 29 maio. 2009.

³ Sociogramas são representações gráficas de rede.

⁴ A métrica de saída, entendida como a soma das interações que os atores têm com os outros, não apresenta variação em decorrência da condição estabelecida aos respondentes, ou seja, o número de relacionamentos citadas foi de até três participantes do grupo de jovens.

⁵ O tamanho dos nós apresentados varia de acordo com o valor da métrica de centralidade de intermediação.

⁶ Este índice reflete a conexão de um ator muito conectado com outros atores também bem conectados na rede.

⁷ O tamanho dos nós apresentados varia de acordo com o valor na métrica centralidade de autovetor e a intensidade da cor varia conforme a valor na métrica de coeficiente de agregação.

⁸ Os jovens foram questionados sobre “o que você sabe fazer de melhor” e “em que você é bom”, as respostas oferecidas propiciaram o enquadramento nas atividades e competências.